

# 7. O amor é juízo: mesmo que eu erre, sei o que me corresponde

por Julián Carrón\*

Então, continua Dom Giussani – prestemos atenção ao que nasce de uma história particular – «o protagonista da moral é a pessoa inteira, o eu inteiro». Não uma parte de nós, não um eu que diz: «Faço isto porque é o meu dever, mas o que eu queria fazer, na verdade, era outra coisa». Não, o protagonista da moral é o eu inteiro. «E a pessoa tem como lei uma palavra que todos achamos que conhecemos e da qual, depois de muito tempo, se há um mínimo de fidelidade ao que é original em nós, se começa a entrever o significado: amor. A pessoa tem como lei o amor. [Porque] “Deus, o Ser, é amor”, escreve São João. O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao meu destino. É um juízo, como quando se diz: “Este é o Monte Branco”, “este é um grande amigo meu”. O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao meu destino, que eu descubro, entrevejo, pressinto ligada com o meu destino»,<sup>1</sup> com a minha realização. «Quando João e André o viram pela primeira vez e o ouviram dizer “Vinde para minha casa. Vinde e vede”, e ficaram todas aquelas horas ouvindo-o falar, não percebiam, mas presentiam que aquela pessoa estava ligada ao destino deles. Tinham ouvido todos aqueles que falavam em público, tinham ouvido os seus pareceres e os de todos os partidos; mas só aquele Homem estava ligado ao destino deles», correspondia à espera deles. Que libertação! O amor é um juízo que nasce desta correspondência. Ainda que eu erre, sei bem o que me corresponde: Cristo. Ainda que às vezes prefira outra coisa, sei bem onde está a minha realização. Eu amo-te por isso, ó Cristo. Posso afastar-me de Ti, mas não posso ir para longe de Ti sem me perder».

Por isso, «a moralidade cristã é a revolução na terra, porque não é uma lista de leis, mas é um amor pelo ser: uma pessoa pode errar mil vezes e sempre será perdoada, sempre será retomada e retomará o seu passo no caminho, se o seu coração [ele usa o condicional, atenção!] recomeçar com o “sim”». A moral cristã não é mecânica, não é automática, não significa que tudo seja igual, porque exige uma condição: que o coração recomece com o «sim». «O importante daquele “Sim, Senhor, eu amo-Te” é uma tensão de toda a própria pessoa, determinada pela consciência de que Cristo é Deus e pelo amor por esse Homem que veio para mim: toda a consciência é determinada por isso, e eu posso errar mil vezes ao dia, ao ponto de ter vergonha de levantar a cabeça, mas ninguém me tira essa certeza. Apenas peço ao Senhor, peço ao »

\* Do livrinho dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» Espírito que me mude, que me faça imitador de Cristo, que a minha presença se torne mais como a de Cristo. [...] Podem recriminar-me por cem mil erros, podem levar-me a tribunal, o juiz pode mandar-me prender sem nem sequer me investigar, com uma injustiça clamorosa, sem considerar se fiz ou não fiz, mas não me podem tirar esse apego que continuamente faz estremecer meu desejo de bem, ou seja, de adesão a Ele. Porque o bem não é o “bem”, mas é a adesão a Ele. [Ele é o bem] [...] Seguir este rosto, a sua Presença, levar a sua Presença a todo o lado, falar d’Ele a toda a gente, a fim de que essa presença domine o mundo – o fim do mundo vai ser no momento em que essa Presença se tornar evidente para todos».<sup>2</sup>

Dada a centralidade do ponto, e sabendo que também nós temos cabeça dura, Dom Giussani repete: «Esta é a moral nova: é um amor, não regras para seguir. E o mal é ofender o objeto do amor ou esquecê-lo. Depois, analisando com humildade todas as curvas e contracurvas da vida de um homem, pode muito bem dizer-se: “Isto seria mau, isto seria bom”, listar, pondo-os por ordem, todos os erros em que o homem pode incorrer: pode fazer-se, enfim, um livro de moral. Mas a moral está em mim, que amo Aquele que me fez e que está aqui. Se não fosse isso, eu poderia usar a moral exclusivamente para afirmar uma vantagem minha; seria, em todo caso, desesperante. Seria preciso ler Pasolini ou Pavese para o entender; não, basta lembrar-se de Judas».<sup>3</sup>

<sup>1</sup>L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 89-90.

<sup>2</sup>*Ibidem*, p. 90-91.

<sup>3</sup>*Ibidem*, p. 91.